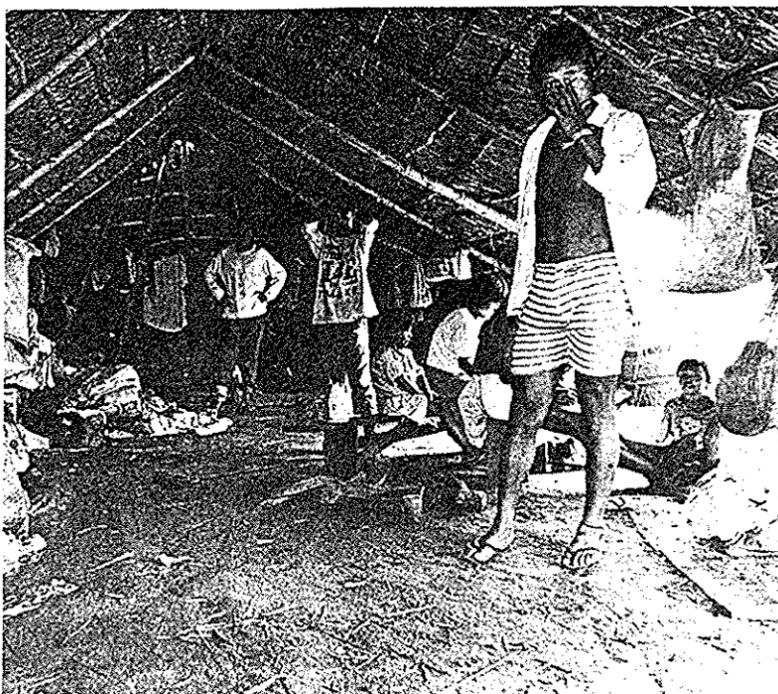


# Morte é solução para problemas do índio

A conclusão é do procurador-regional da República, ao analisar os casos de suicídio entre os indígenas

Os índios Guarani-caiowás não choram a morte. Pelo contrário, comemoram até com danças e foguetes. O falecimento está ligado a um prêmio, uma gratificação recebida pelo morto. A conclusão é do procurador-regional da República no Mato Grosso do Sul, Luiz de Lima Stefanini, ao estudar o elevado número de casos de suicídio entre os indígenas do Sul do Estado. Ele esteve nos dias 10, 11 e 12 na reserva de Dourados, que compreende a área de Jaguapiru e Bororó, e na de Limão Verde, em Amambai. No ano passado, pelo menos 19 índios se mataram nesta região, mas estipula-se que o número é bem maior, pois muitos casos não são comunicados.

O procurador contou que a principal causa dos suicídios é a rejeição que os índios têm pela cultura branca. Isso ocorre como resposta ao acentuado preconceito existente contra eles no Sul do Estado, principalmente em Dourados, sem que grande parte das autoridades tente coibir. "Os guaranis, fora da aldeia, não possuem qualquer chance de sobrevivência", diz Stefanini. Nesta situação



Os Guarani-Kaiowás sofrem com a falta de terras, o que pode levar ao suicídio

vivem mais de nove mil índios em pouco mais de 3.500 ha. São pessoas em sua maioria desligadas de crença ou religião e que perderam quase todos os

traços culturais que possuíam. Este é outro fator que empurra os índios para o suicídio. Eles não possuem em que se agarrar e as representações protestantes e

católicas que se fazem presentes não conseguem muito sucesso. Não há liderança que dê orientação e o poder público os ignoram. O remédio a princípio é a bebida, a prostituição e a violência entre eles próprios. A frustração por não conseguirem adquirir objetos tão comuns entre os brancos, principalmente a bicicleta, aumenta o desejo pelo suicídio. "O ato de dar fim à própria vida passa a ser a solução, tal qual outra alternativa qualquer e, na maioria das vezes, a mais fácil", afirma o procurador.

Um exemplo de como a morte se torna banal entre os índios Guarani-caiowás é o relato do índio Teodoro sobre o procedimento de uma criança de seis anos. O menino não queria ajudar a mãe em um trabalho braçal e, devido à insistência materna, afastou-se da casa, pegou uma corda, amarrando uma ponta em uma árvore e enrolou a outra no pescoço. Depois, ficou sentado esperando a morte, imaginando, na sua inocência, que apenas aquilo bastaria para o suicídio. A mãe castigou-o por não querer ajudá-la, mas nada disse sobre o ato suicida.

## Família, instituição falida

A família entre os índios Guarani-caiowás na reserva de Dourados é uma instituição cada vez mais falida. Constantemente, ocorre o abandono de filhos ou da mulher e dos pais. O resultado marcante são os "guachos", crianças abandonadas que vivem sem qualquer responsável na reserva. São menores que se tornam rebeldes e os atritos entre as gerações são cada vez mais frequentes. A tolerância pela bigamia, incesto e adultério criam uma formação "liberalizante" nos jovens em relação aos demais membros da tribo. O capitão da reserva, os progenitores, anciãos e até os próprios antropólogos pouco conseguem fazer para dar uma orientação aos menores. Não raro, o resultado da rebeldia é o suicídio.

A impressão do procurador-regional da República, Luiz de Lima Stefanini, é de que os índios no Sul do Estado lidam com a morte com a máxima paciência. O próprio suicídio por enforcamento, um dos mais comuns, não ocorre na forma tradicional e abrupta, em que a pessoa

amarra a corda no pescoço e, em um lugar mais alto, pula de maneira a ficar pendurada. Os índios sentam em um lugar e simplesmente apertam a corda no pescoço, morrendo não por traumatismo, como no enforcamento tradicional, mas por asfixia. "Ele perde o ar aos poucos, em um processo demorado, que em primeiro lugar faz com que ele durma e, posteriormente, morra".

Para reverter a tendência do suicídio indígena, o procurador acredita que os órgãos públicos ligados ao índio, como a Funai, precisam lutar pela integração entre as reservas e as cidades. "O indígena não fica nada a dever para o homem branco no que diz respeito ao trabalho rural e urbano", constata Stefanini. A princípio, ele diz que o ideal seria o fim das reservas, que, segundo ele, nada mais são do que guetos. Porém, Stefanini concorda que poderia ser uma medida muito drástica para ser tomada de repente, já que o índio correria o risco de chegar na cidade e ser rejeitado, não tendo mais para onde voltar.